

**BOCCHETTI, CARLA (DIR.) GLOBAL HISTORY, EAST AFRICA AND THE CLASSICAL TRADITIONS. LES CAHIERS D'AFRIQUE DE L'EST (IFRA). IFRA: NAIRÓBI, SPECIAL ISSUE, N. 51, 2016. 216 p.ISSN: 2071-7245**

Otávio Luiz Vieira Pinto<sup>1</sup>

**Palavras-Chave**

História Global; África Oriental; Estudos Clássicos; Estudos Pós-Coloniais

*Global History, East Africa and The Classical Traditions* (“História Global, África Oriental e as Tradições Clássicas”) é um volume colaborativo, coordenado e organizado por Carla Bocchetti como edição especial da série *Les Cahiers d’Afrique de l’Est*, publicada em 2016. A proposta deste volume surge a partir do *Globafrica*, um projeto de pesquisa de quatro anos desenvolvido pelos Institutos Franceses de Pesquisa em África (IFRA – *Institut français de recherche en Afrique*) baseados no Quênia, na Nigéria e na África do Sul. A organizadora, Carla Bocchetti, é vinculada ao IFRA de Nairobi. Ela possui doutorado pela *University of Warwick* e já atuou como pesquisadora e professora, na Itália, nos Estados Unidos, na Colômbia e no Peru. Ainda que em sua tese de doutoramento Bocchetti tenha investigado a *ekphrasis* na Antiguidade, seus atuais esforços de pesquisa estão voltados para a presença da África em diferentes tradições geográficas e para os usos do passado no âmbito da História Global.

A plural formação de Carla Bocchetti certamente inspira a proposta geral do volume aqui analisado. Ainda que seus nove capítulos tenham sido escritos por diferentes autores e autoras (além da apresentação, Carla Bocchetti também contribuiu com um capítulo) e sejam bastante variados

---

<sup>1</sup> Professor de História da África da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua também no Programa de Pós-Graduação em História da mesma instituição. Membro pesquisador do NEMED – Núcleo de Estudos Mediterrânicos e do LEOM – Laboratório de Estudos de Outros Medievos. Contato: [otavio.luiz@ufpr.br](mailto:otavio.luiz@ufpr.br).

*Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v.5, n.2 – 2020.2. p. 133-139.*

DOI: 10.34024/herodoto.2020.v5.12837

em termos de recortes temáticos e cronológicos, *Global History, East Africa and The Classical Traditions* está baseado em três pilares historiográficos e metodológicos: História Global, Estudos Pós-Coloniais e Usos do Passado. Neste sentido, apesar de não constar no título, a abordagem Pós-Colonial parece ser a espinha dorsal da obra, como veremos mais a frente. A apresentação deste volume, escrita por Bocchetti, deixa isso evidente. Segundo ela:

História Global pode oferecer uma revisão das tradicionais abordagens epistemológicas sobre a Antiguidade Clássica, de forma que a Grécia se torna apenas mais um lugar nos mundos mediterrânicos ao invés de se o *topos* ideal do Excepcionalismo Ocidental (Bocchetti, 2016: 10).

Em outras palavras, *Global History, East Africa and The Classical Traditions* apresenta, no geral, uma perceptível preocupação com a descentralização das leituras históricas. Isso significa que História Global, neste caso, é entendida como uma abordagem com o potencial de romper com a bagagem imperialista das ideias tradicionais de Centro e Periferia. Este movimento descentralizador abriria espaço para o protagonismo de novas geografias e novas epistemologias. De maneira semelhante, “Estudos Clássicos”, aqui, são tomados como um discurso, ou seja, se referem menos ao estudo do que chamamos de Antiguidade Clássica (portanto, Grécia e Roma) e mais a um campo de conhecimento que foi construído com base na ideia do Excepcionalismo Ocidental e de “Berço da Civilização” e que, portanto, carrega em si um posicionamento ideológico.

Assim, o título *Global History, East Africa and The Classical Traditions* pode, num primeiro momento, confundir leitores e leitoras: esta obra não é um trabalho tradicional de História Global que investiga as relações entre sociedades africanas e mediterrânicas na Antiguidade. Na verdade, o que se propõe é analisar como os discursos sobre uma “Antiguidade Clássica” foram consumidos em espaços considerados periféricos e como uma abordagem multicêntrica (ou seja, Global) pode contribuir para nosso entendimento do campo de Estudos Clássicos. De acordo com Bocchetti, a obra em questão busca

explorar o passado clássico como um produto híbrido global. (...) Na medida em que a Antiguidade Clássica foi usada para escorar identidades imperiais fundadas nacionalmente (...) o debate da divergência desafiou historiadores a pensar além das fronteiras nacionais e a levar em consideração histórias relacionais que são anteriores à industrialização europeia, confrontando, assim, a legitimação

do uso do passado Grego e Romano como parte de uma História Universal (Bocchetti, 2016: 10).

Para dar conta das várias propostas abertas por Carla Bocchetti na apresentação desta obra, *Global History, East Africa and The Classical Traditions* está dividida em três partes. A primeira, *Classics and Africa* (“Estudos Clássicos e a África”) traz dois capítulos que investigam como as visões ocidentais sobre a África (e a noção ocidental de identidade africana) são marcadas pela retórica de textos da Antiguidade Greco-Romana; a segunda seção, *Global History and Geography* (“História Global e Geografia”) é composta por três capítulos voltados para debates sobre como espaços africanos e asiáticos foram fundamentais para o imaginário cartográfico europeu e como esta noção simbólico-espacial é parte integral dos fenômenos de imperialismo; e, por fim, a terceira seção, *Africa and Visual Culture* (“África e Cultura Visual”), contém quatro capítulos que versam sobre a ressignificação das imagens da Antiguidade Clássica (a partir da arquitetura e da cultura material) na América Latina e na África durante regimes coloniais.

O capítulo que abre a primeira seção, *Ethiopia and India: Fusion and Confusion in British Orientalism* (“Etiópia e Índia: Fusão e Confusão no Orientalismo Britânico”) foi escrito por Phiroze Vasunia, professor de grego na *University College London* e estudioso da recepção dos Estudos Clássicos em espaços subalternizados pelo colonialismo, como a Índia. Seu objetivo é, a partir dos relatos de dois orientistas britânicos do século XVIII, William Jones e Francis Wilford, compreender por que há uma confluência entre Índia e Etiópia no seio da intelectualidade europeia. Ele afirma que, apesar do óbvio conhecimento geográfico e cultural que a expansão colonial trouxe para os britânicos na Modernidade, os orientistas empregavam uma retórica baseada em cânones do pensamento ocidental – em especial na etnologia bíblica. Dito isso, a influência da textualidade da Antiguidade Clássica pouco aparece na argumentação de Vasunia, que explora muito mais os textos bíblicos e a leitura setecentista da racialização operada pela etnologia bíblica – que, comumente, atribuiu uma origem em comum para africanos e indianos baseada na cor da pele. Assim, como afirma Vasunia, “Os etíopes e indianos de Jones e Wilford parecem, em muitas instâncias, se encaixar nesta ideia de um negro generalizado que também é um oriente ou de um oriental generalizado que também é um negro” (Bocchetti, 2016: 32).

O capítulo *V. Y. Mudimbe and the Myth of Oedipus* (“V. Y. Mudimbe e o Mito de Édipo”) fecha a primeira seção. Escrito por Daniel Orrells, professor de língua e literatura grega antiga no *King’s College London* e

especialista na recepção da cultura greco-romana na História Intelectual Contemporânea, este capítulo apresenta uma reflexão propriamente Pós-Colonial: seu foco central é discutir como o Mito de Édipo influencia o pensamento do importante pensador e linguista congolês, Valetin Yves Mudimbe. Através de uma rica e cuidadosa argumentação, Orrells demonstra que a formação em filologia clássica de Mudimbe funciona como uma estrutura reflexiva crítica, de forma que o intelectual congolês não é apenas um receptor da cultura clássica, mas um agente de transformação. Esta transformação é perceptível quando Mudimbe utiliza o argumento edipiano como uma metáfora para a África que, após a descolonização, enfrenta dificuldade para encontrar seu lugar no mundo: assim como Édipo mata seu pai e se torna uma figura semelhante, as experiências pós-coloniais da África parecem ser apenas uma repetição da experiência de violência colonial. Orrells, assim, afirma que “a alusão de Mudibe à Édipo não é apenas retórica, mas reflete o que ele vê como a dificuldade e o entrelaçamento da relação edipiana entre o legado colonial e o intelectual africano pós-colonial” (Bocchetti, 2016: 48). A contribuição de Orrells, assim, é rica pois demonstra de maneira precisa as nuances com que Mudimbe articula sua leitura da Antiguidade Clássica para entender a realidade pós-colonial.

A segunda seção de *Global History, East Africa and The Classical Traditions* é devidamente focada nas discussões sobre globalidade – em detrimento, contudo, dos debates sobre a tradição Clássica, que pouco figura em seus três capítulos. O primeiro, *Cotton and the Great Divergence: The Asian Fibre that made Europe Rich* (“Algodão e a Grande Divergência: a Fibra Asiática que tornou a Europa Rica”) é da autoria de Giorgio Riello, professor de História e Cultura Global na *University of Warwick*, onde atua também como diretor do Instituto de Estudos Avançados. O texto de Riello parte de uma premissa simples, mas fundamental: o algodão pode ser visto como um agente para o estudo de História Global, demonstrando as redes de conexão e consumo em escala mundial, ao mesmo tempo em que ajuda a explicar a ascensão econômica da Europa na Modernidade. Dito isso, este capítulo soa mais como uma versão resumida do livro *Cotton* (“algodão”), publicado por Giorgio Riello em 2013, do que com uma contribuição original para este volume. Riello não dialoga com os Estudos Clássicos e pouco tem a dizer sobre a África dentro da proposta de uma História Global Pós-Colonial. Contudo, o capítulo seguinte corrige essa situação, ao menos do ponto da História da África Oriental. De autoria de Carla Bocchetti, *Performing Geography in Global History* (“Performando Geografia na História Global”) argumenta que a produção cartográfica europeia, na Modernidade, possui um débito silencioso e subestimado

em relação aos conhecimentos geográficos das sociedades suaíli, que habitam o que são hoje as regiões costeiras do Quênia e da Tanzânia. Apesar de não abordar os Estudos Clássicos, Bocchetti traz uma importante discussão metodológica sobre a relação entre História Global e a geografia – não apenas a geografia como um aspecto físico, mas também como um aspecto discursivo (na forma da cartografia europeia). O texto de Carla Bocchetti dialoga em grande medida com autores da História Global, como Jean-Frédéric Schaub, e como autores que investigam a presença africana nas movimentações cosmopolitas do Oceano Índico, como Michael Pearson, Himanshu Prabha Ray e Edward Alpers. Por fim, o capítulo *Interpreting Medieval to Post-Medieval Seafaring in South East Tanzania Using 18th- to 20th-Century Charts and Sailing Directions* (“Interpretando a navegação Medieval e Pós-Medieval no sudeste da Tanzânia usando cartas e direções de navegação dos séculos XVIII ao XX”), escrito por Edward Pollard, fecha a segunda seção desta obra. Edward Pollard foi diretor assistente do Instituto Britânico da África Oriental e, desde 2002, pesquisa os ambientes costeiros do Quênia, da Tanzânia e do Moçambique. Seu capítulo, apesar de estar plenamente centrado na costa leste africana, não traz nenhum diálogo com os Estudos Clássicos e pouco aborda questões de História Global. Seu principal objetivo é refletir sobre o passado marítimo da Costa Suaíli através de uma análise histórica de cartas de navegação. Para Pollard, este acúmulo de experiências do passado pode servir como uma bússola para escavações arqueológicas em pontos importantes e sensíveis da África. O eixo deste capítulo apresenta um interessante potencial de pesquisa, mas o texto acaba ficando deslocado na composição deste volume.

A terceira e última seção traz quatro capítulos que, tematicamente, são coesos entre si. Enquanto a primeira seção abordou a (re)leitura de textos e arquétipos greco-romanos na construção de imagens e identidades sobre a África e os africanos durante a Modernidade colonial e imperialista e a segunda seção dissertou (de maneira um pouco dispersa) sobre uma variedade de questões da História Global, esta terceira seção busca notar a influência clássica de forma material e visual a partir de complexas relações de força coloniais. O primeiro capítulo, intitulado *El Temple: Civic Monument, African Significations, and the Dialectics of Colonial Urban Space in Early Nineteenth-Century Havana, Cuba* (“El Temple: Monumento Cívico, Significações Africanas e a Dialética do Espaço Urbano Colonial no Início do Século XIX em Havana, Cuba”) é de autoria de Paul Niell, professor no departamento de História da Arte na *Florida State University*. O texto de Neil é centrado no *El Temple*, um memorial neoclássico construído em Cuba na primeira metade do século

XIX. Niell argumenta, com solidez, que o *El Templete* não é tão somente um exemplo de influência clássica na arquitetura, mas um símbolo de disputa de resistência e memória entre escravizados africanos e oficiais coloniais. Dessa forma, ele afirma que, enquanto símbolo, “*El Templete*” contende com esta multiplicidade de significados e chama a atenção para os elementos africanos em ação neste monumento colonial, ao mesmo tempo que delinea os mecanismos utilizados para reforçar a hegemonia sobre as populações afrodescendentes” (Bocchetti, 2016: 130). O capítulo seguinte, *Patterns of Contacts - Designs from the Indian Ocean World: A Curator's View* (“Padrões de Contato - Designs do Mundo Índico: a Perspectiva da Curadora”), é, na verdade, o registro da exposição (de mesmo nome) que ocorreu no museu Iziko, na Cidade do Cabo (África do Sul), em 2014. A curadoria da exposição foi responsabilidade de Carol Kaufmann, autora deste capítulo. Seu texto é uma contextualização de alguns objetos que estiveram presentes na exposição e que revelam a forte influência do leste asiático e do cosmopolitanismo índico nos produtos consumidos na África do Sul durante o período de colonização holandesa. No terceiro capítulo, *Visions of the Global: the Classical and the Eclectic in Colonial East African Architecture* (“Visões do Global: o Clássico e o Eclético na Arquitetura Colonial da África Oriental”), a autora Sarah Longair, professora de História do Império na *University of Lincoln*, explora a arquitetura de Zanzibar e de Nairóbi no final do século XIX e começo do século XX. Ela analisa os projetos urbanos de John Sinclair, oficial colonial britânico no leste africano, e demonstra como as contingências locais e as influências índicas fizeram com a arquitetura neoclássica, tão presente nos processos de imperialismo, fosse adotada de maneiras diferentes em Nairóbi e em Zanzibar: enquanto Nairóbi, uma cidade recém-criada pelo global Império Britânico, estampa sua arquitetura classicizante na biblioteca *McMillan* (projetada por John Sinclair), Zanzibar, uma cidade antiga e conectada ao Oceano Índico, manteve sua arquitetura muito mais eclética. Longair, assim, demonstra como o emprego da arquitetura neoclássica no Leste africano era um jogo complexo entre passado e presente, entre interesses locais e desejos coloniais. Por fim, o último capítulo desta seção (e do volume) se chama *A Global History of Asian's Presence in Kisumu District of Kenya's Nyanza Province* (“Uma História Global da Presença Asiática no Distrito de Kisumu da Província Queniana de Nyanza”) e é escrito por Gordon Onyango Omenya, professor de História na *Pwani University*, no Quênia. O texto de Omenya explora a diáspora sul-asiática na província de Nyanza e sua influência na arquitetura do distrito de Kisumu. Este capítulo apresenta interessantes questões sobre a interação afro-asiática

não apenas sob o jugo do colonialismo britânico, mas também após o processo de libertação do Quênia.

Em suma, *Global History, East Africa and The Classical Traditions*, organizado por Carla Bocchetti, é uma obra diversificada e de alto nível, apesar de transitar entre altos e baixos. Como em qualquer volume editado, a contribuição plural dos diversos autores e autoras cria ritmos de leitura desiguais, mas oferece ao público uma gama maior de temas, recortes e cronologias. Dito isso, esta obra certamente está mais próxima dos Estudos Pós-Coloniais do que dos Estudos Clássicos. Quase todos os capítulos possuem preocupações com as epistemologias da Modernidade Europeia e com seus efeitos em espaços que foram subalternizados pelos processos coloniais. Em contrapartida, poucos capítulos exploram textos greco-romanos propriamente ditos e, quando muito, o fazem de maneira genérica e tangencial. Isto não é um problema em si, mas o título da obra pode levar à confusão. Assim, este volume agradará muito mais aos interessados em História Global, Estudos Pós-Coloniais e mesmo em Estudos Africanos do que àqueles que buscam um debate entre a África e a Antiguidade grega ou romana.

Ainda assim, os textos reunidos neste volume trazem pesquisas importantes e levantam pontos de debate fundamentais. Alguns capítulos apresentam prosa truncada ou mesmo repetição de parágrafos, mas estes detalhes não comprometem a indiscutível qualidade dos trabalhos.